

# A LÍNGUA EM ESTADO GASOSO

E. M. de Melo e Castro\*

## RESUMO

Guimarães Rosa, numa carta a João Condé publicada no **Jornal de Letras e Artes** de 21 de Julho de 1946 deixou esta sugestão: “Mas, ainda haveria mais, se possível (sonhar é fácil, João Condé, realizar é que são elas...): além dos estados líquidos e sólidos, porque não tentar trabalhar a língua em estado *gasoso*?!”

Nesta comunicação tratarei de averiguar o que possa ser o *estado gasoso da língua* quer sob o ponto de vista físico quer sob o ponto de vista metafórico.

Sob o ponto de vista físico devem ser considerados dois momentos: o da ciência geralmente divulgada na época em que Guimarães Rosa fez essa sugestão, e o da atual ciência do Caos, tendo em consideração os movimentos brownianos das moléculas descritos na teoria cinética dos gases. Sob o ponto de vista metafórico, o uso de uma terminologia interdisciplinar, à luz dos referidos conceitos da ciência, pode contribuir para delinear uma possível concepção linguística que esteja de acordo com a prática e o uso criativo diferenciados da língua portuguesa, não só no Brasil e em Portugal, mas também nos países africanos de língua portuguesa, configurando-se assim uma possível teoria cinética da língua.

Embora não seja especialista no estudo da obra de Guimarães Rosa é, no entanto, como seu leitor assíduo desde os anos cinqüenta, que me atrevo a participar nesta reunião de profundos conhecedores dessa obra ímpar da língua portuguesa.

Mas a minha contribuição não incidirá nem sobre a obra em geral nem sobre nenhum dos textos roseanos em particular. Limitar-me-ei a tentar entender e interpretar uma pequena observação de Guimarães Rosa, feita por duas vezes, respectivamente em cartas a João Condé e a seu tio Vicente Guimarães, observação essa que logo despertou a minha atenção justamente pela sobrecarga de significados que a meus olhos desde logo tomou.

Na carta a João Condé sobre a gênese de **Sagarana**, publicada no **Jornal de Letras e Artes** em 21 de julho de 1946, Guimarães Rosa exclama, ao referir-se ao seu ideal de rigor e riqueza no uso da língua:

\* Universidade de São Paulo.

*Mas, ainda haveria mais, se possível (sonhar é fácil, João Condé, realizar é que são elas...): além dos estados líquidos e sólidos, porque não tentar trabalhar a língua também em estado gasoso?!*

Posteriormente, na Carta a Vicente Guimarães, datada de 11/5/47, ao referir-se ao estado de empobrecimento da língua portuguesa, “da rigidez de fórmulas e formas, estratificação de lugares-comuns, como caroços num anjo ralo, vulgaridade, falta de sentido de beleza, deficiência representativa,” o nosso autor conclui:

*É preciso distendê-la, destorcê-la, obrigá-la a fazer ginástica, desenvolver-lhe os músculos. Dar-lhe precisão, exactidão, agudeza, plasticidade, calado, motores. É preciso refundi-la no tacho, mexendo muitas horas. Derretê-la, e trabalhá-la, em estado líquido e gasoso.*

Esta segunda referência ao estado gasoso da língua vem como uma explicitação da primeira, em que Guimarães Rosa mais nada acrescentara. Mas acontece que tal explicitação é aparentemente contraditória e leva-nos a entender a referência em sentidos diversos, tal como “exatidão” e “plasticidade”, desde os possíveis sentidos metafóricos aos científicos e até alquímicos, como em “refundi-la no tacho, mexendo muitas horas”... Fácil seria remetermo-nos para a alquimia do verbo de Rimbaud e ficarmos com esta nova forma dessa famosa metáfora.

Mas a referência explícita ao estado sólido e ao estado líquido, além do estado gasoso, leva-nos a considerar que algo simultaneamente mais preciso e mais amplo e por isso mais complexo, está em jogo, ou seja, que se trata de uma referência polissêmica de carácter ao mesmo tempo científico e imagético, aplicada como método e meta a procurar atingir na escrita e por isso na criação literária, muito para lá e contra o uso impreciso e degradado da escrita e da língua correntes.

A língua é assim considerada matéria que pode estar em três estados, tal como a matéria física, estados que têm propriedades dependentes das relações de agregação das suas moléculas; ao estado gasoso correspondendo a maior desagregação e, por isso, a maior liberdade de movimentos das moléculas. Estamos assim no campo da *teoria cinética dos gases* o que nos leva a pensar como possível numa teoria cinética da língua apta para a descrição da liberdade inventiva e criativa do seu uso.

Mas uma outra observação me ocorreu, esta feita em 1956 pelo Professor e filósofo português Agostinho da Silva, no seu livro publicado aqui no Brasil, **Reflexão à margem da literatura portuguesa**. Diz Agostinho da Silva, caracterizando a maneira de ser do comportamento ibérico:

*Espanhol convive com espanhol como molécula convive com molécula na teoria cinética dos gases: chocando, chocando e chispano no choque. Então, e insistindo na tal teoria cinética, eu só tenho duas maneiras de conseguir que um número elevado de moléculas num recipiente limitado me não faça explodir: uma consistirá em reforçar as*

*paredes, e isso calcula-se em pressão por centímetro quadrado; a outra consistiria em fabricar um vaso de paredes elásticas.*

Esta associação analógica da sociabilidade humana com o comportamento das moléculas dos gases parece-me paralela às idéias de Guimarães Rosa quanto ao estado gasoso da língua, mas especificando melhor o significado da teoria cinética, o que permite-nos estender a analogia aos aspetos humanos da língua. Estamos agora em condições de conceber uma tríada, ao modo semiótico, entre comportamento humano, uso da língua e matéria considerada na sua natureza química-física.

Essa tríada, ao estabelecer relações entre os seus três pólos, agirá como o vaso de paredes elásticas imaginado por Agostinho da Silva, no qual a energia expansiva do uso da língua em estado gasoso se executa pela natureza a um tempo física e quimicamente determinado, num processo de comunicação e convívio humano. Este seria o primeiro passo para a concepção da referida teoria cinética do uso criativo da língua.

O vaso de paredes reforçadas para conter a energia expansiva e criadora da língua seria, naturalmente, a norma.

Mas algumas especificações científicas são ainda necessárias para melhor se entender a extensão semântica da expressão de Guimarães Rosa “estado gasoso da língua”.

A Teoria Cinética dos Gases tem origem em especulações de filósofos gregos mas só a partir do século XVII se começou a constituir cientificamente, sendo as contribuições do inglês J. C. Maxwell e do alemão L. Boltzmann, fundamentais, no final do século XIX. A teoria original diz-nos que os gases são constituídos por moléculas que são partículas esféricas, perfeitamente elásticas, com incessante movimento de translação, ocupando um volume que é negligível em comparação com o volume total do gás. As velocidades, momenta, energias e direções dos movimentos não são as mesmas para todas as moléculas do mesmo gás, mas sim distribuídas de acordo com as leis formais do cálculo das probabilidades. Deve também ser tomado em consideração o calor específico e a viscosidade como determinantes das movimentações das moléculas. Por isso os estados sólido, líquido e gasoso pertencem à área dos estudos da chamada química-física, área da ciência onde são estudados muitos dos fenômenos de transformação, nem puramente químicos nem puramente físicos que primeira e pré-cientificamente constituíam a alquimia.

Daí que a cinética da língua deva ser concebida análogamente como uma ciência probabilística, quer nas suas associações verbais quer na interatividade sintática, quer na polissemia que consigo transporta. Tratar a língua em estado gasoso quer então dizer conceber a sua execução no mais alto estado energético de probabilidade verbal e semântica, em oposição ao estado sólido que será, como Guimarães Rosa diz, a rigidez de fórmulas e formas, estratificação de lugares-comuns, vulgaridade, falta do sentido de beleza, deficiência representativa, empobrecimento do vocabulário.

Há, no entanto, algo mais e que está contido na seguinte pergunta: Como se movem as moléculas e qual é o tipo desses movimentos de translação em todas as direções?

Tal movimento recai dentro dos movimentos espontâneos descritos e estudados, em 1827, por Robert Brown, por ele observados nas partículas em suspensão aquosa e que, por isso, passaram a ser designadas por Movimentos Brownianos. As partículas movem-se em todas as direções, chocando umas com as outras e sem razão aparente. Não se trata de movimentos provenientes de vida, nem de fenômenos elétricos, nem sequer de convecção térmica, embora o aumento da temperatura aumente a sua atividade. Ocorrem em todas as suspensões mesmo de partículas metálicas, mas também no fumo.

É um fenômeno químico-físico e aleatório, cuja descrição e natureza probabilística se aplica também às moléculas dos gases, sendo atualmente considerado no âmbito da ciência do caos.

Benoît Mandelbrot, o matemático inventor da geometria fractal, já na segunda metade do século XX, chamou desde logo a atenção para a natureza caótica susceptível de descrição fractal de numerosos fenômenos naturais, tais como os movimentos brownianos, a variação da forma e do volume das nuvens, a ondulação da superfície do mar, a agitação das folhas e dos ramos das árvores impelidas pelo vento, as variações climáticas, o pingar de uma torneira, a turbulência da água fervente, o sistema de ramificações irregularmente simétricas do desenvolvimento dos vegetais, mas também e principalmente para a impossibilidade de, usando os recursos da geometria euclideana, medir com rigor o perímetro de uma ilha. Então só a geometria fractal o poderá fazer, uma vez que o recorte costal das ilhas é de natureza iterativa ou auto-semelhante: as ilhas não são figuras geométricas planas perfeitas mas, por isso mesmo, fractais, isto é, não têm dimensões inteiras. O mesmo acontece com muitos outros fenômenos naturais ou não naturais que têm escapado a explicações linearmente racionais, mas que hoje podem ser simulados matematicamente no computador.

Não me parece difícil extrapolar para o mundo das ciências humanas e particularmente daquelas atividades a que chamamos lingüísticas como a fala, a escrita, a comunicação, a informação, a criação textual, a invenção do novo poético ou o exercício do raciocínio e da capacidade formuladora do pensamento.

De fato, quem poderá avaliar ou “medir” direta e linearmente as características da fala dos habitantes de uma dada região ou de uma ilha, ou da capacidade inventiva e transformadora que a sua prática lingüística em si comporta diferentemente da de falantes de outra ilha da mesma língua?

Creio mesmo que a esta luz se impõe a consideração de uma “lingüística fractal” e que a língua portuguesa, pela sua dispersão em arquipélagos pelo mundo, necessita ser estudada à luz dos conceitos que a essas circunstâncias melhor se adaptam, como me parece ser o caso da geometria fractal.

Uma concepção fractal da existência da língua portuguesa no mundo pode levar-nos a conclusões interessantes tais como, por exemplo, a de que o perfil ou “perímetro” lingüístico de cada ilha é uma entidade fragmentada mas única, unidade essa que é constituída por cada vez menores unidades *iterativas*, isto é, auto-semelhantes.

Por seu lado, no caso da língua, essas unidades transformadoras iniciam-se no universo microlingüístico do indivíduo falante e escrevente com suas idiossincrasias e transgressões poético-criativas, ou através das práticas lingüísticas de vários grupos sociais que produzem variantes, até atingirem iterativamente o nível macrolingüístico de uma nação ou de uma cultura.

A existência portanto de uma prática lingüística igual para todas as ilhas do arquipélago é impossível, porque cada ilha produz as suas próprias unidades iterativas no exercício das funções lingüísticas que caracterizam e modelam o seu quotidiano: falar, escrever, criar e comunicar. Existe uma polivalência lingüística que caracteriza o nosso arquipélago e essa polivalência é não linear mas, segundo creio, de natureza fractal: a língua encontra-se em *estado gasoso*, isto é, com elevada energia transformativa e movendo-se em sentidos diversos...

Citem-se alguns exemplos correntes, aqui trazidos sem nenhuma sistematização científica, tais como o uso no Brasil, no registro popular, mas já invadindo textos eruditos, de formas do particípio passado como *pego* e *escapo* em vez de *pegado* e *escapado*; ou o uso da crase “à” apenas por razões fônicas, confundindo-a com a preposição “a” ou com o artigo “a” que no Brasil são abertas e em Portugal fechadas; ou a utilização de verbos numa forma metaforizada com muito mais freqüência que em Portugal; ou a não concordância entre plural e singular, como por exemplo em “as mulher bonita” ou “vende-se tapetes persa”; ou a introdução de vogais desfazendo grupos consonantais, em hipinotismo, obijeto, obissoleto, etc.; ou ainda como no poema de Oswald de Andrade:

**PRONOMINAIS**

*Dê-me um cigarro*

*Diz a gramática*

*Do professor e do aluno*

*E do mulato sabido*

*Mas o bom negro e o bom branco*

*Da Nação Brasileira*

*Dizem todos os dias*

*Deixa disso camarada*

*Me dá um cigarro.*

Tais procedimentos, longe de serem apenas meras fugas à norma, são, isso sim, manifestações da natureza fractal da nossa língua, que por iteração se repetem desde o nível microlingüístico até o macrolingüístico, tornando-se, a pouco e pouco, prática aceite e por isso caracterizadora e diferencial, como por exemplo o uso de

sentidos contrários para certas palavras (“pedregulho” no Brasil quer dizer pedra pequena, enquanto que em Portugal significa pedra grande e disforme); ou o uso de verbos inexistentes no falar português, como “trafegar” ou “machucar”; ou de formas verbais pouco recomendadas em Portugal, como é o caso do gerúndio, intensamente empregue e bem, no Brasil.

Nos países africanos de língua portuguesa começam a registrar-se muitas variantes, como por exemplo nas construções “A pessoa não nasce ninguém”, “Os pais escondem os filhos a verdade” ou “Eles bateram o miúdo”, respectivamente por “A pessoa não dá à luz”, “Os pais escondem dos filhos a verdade” e “Eles bateram no miúdo”, tal como observa Perpétua Gonçalves em **Português de Moçambique, uma variedade em formação**. A mesma autora assinala também uma abertura vocálica, como em “téléfonar”, assim como o emprego da forma reflexa do pronome pessoal “o” em “Alguma coisa lhe atraiu” e “A mãe meteu lhe na escola”, construções que também se encontram no Brasil.

Mas a questão parece estar em saber se já está em formação uma variante comum a todos os países africanos que usam o português como sua segunda língua, ou se cada país virá a formar a sua variante, segundo condições culturais e ambientais próprias. Penso que isto é o que muito provavelmente virá a acontecer.

Mesmo no pequeno espaço de Portugal no continente europeu, as variações vocabulares e fonéticas são muito marcadas de região para região, sendo essas diferenças usadas como características de identidade regional, como por exemplo as pronúncias marcadamente diferentes de Lisboa e do Porto.

Um escritor como Aquilino Ribeiro, nos anos 20 e 30 deste século, usou inventivamente (gasosamente) as diferenças regionais de vocabulário e acento, para marcar culturalmente, (nós diremos hoje fractalmente), o *habitat* e a diferente qualidade humana, dos seus romances situados na Beira Alta, região do centro-norte de Portugal, sendo até acusado de inventar uma língua!...

Também a intensa e quase espontânea formação de neologismos é um sinal da natureza fractal da língua portuguesa, o mesmo se passando no Brasil com a adoção de toponímios e de radicais de línguas indígenas. Um exemplo bem sugestivo é o uso do sufixo tupi “rana” que tem o sentido de “como se” e exerce uma função modalizante de substantivos.

O que fez João Guimarães Rosa no título de uma bem conhecida obra sua: **Sagarana**, isto é, “como se fosse uma saga”, tal como referido por Eni Pulcinelli Orlandi e Tania C. C. de Sousa, em “A língua imaginária e a língua fluida”, artigo incluído no volume **Política lingüística na América Latina**.

Guimarães Rosa que é, no arquipélago da língua portuguesa, por si só, uma dessas ilhas, sendo que ele próprio esclarece na famosa entrevista dada a Gunter Lorenz, em janeiro de 1965:

*Primeiro há o meu método que implica na utilização de cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer; para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-*

*la ao seu sentido original. Por isso, e esse é o segundo elemento, eu incluo em minha dicção certas particularidades dialéticas de minha região, que são linguagem literária e ainda têm sua marca original, não estão desgastadas e quase sempre são de uma grande sabedoria linguística. Além disso, como autor do século XX, devo me ocupar do ideoma formado sob a influência das ciências modernas e que representa uma espécie de dialeto. E também está à minha disposição esse magnífico ideoma já quase esquecido: o antigo português dos sábios e poetas daquela época dos escolásticos da Idade Média, tal como se falava, por exemplo, em Coimbra. E ainda poderia citar outros, mas isso nos levaria muito longe. Seja como for, tenho de compor tudo isso, eu diria "compensar", e assim nasce então meu ideoma que, quero deixar bem claro, está fundido com elementos que não são de minha propriedade particular, que são acessíveis igualmente para todos os outros. [...] Genialidade, sei... Eu diria: trabalho, trabalho e trabalho!*

Penso que esta descrição de seu método de trabalho escritural põe claramento em destaque a fluidez combinatória dos elementos contraditórios em presença, ficando implícita a elaboração probabilística, 'compensatória' como ele diz, fractal como diríamos nós hoje, e que constitui a pedra de toque da criatividade de Guimarães Rosa: a língua em estado gasoso, quer sob o ponto de vista científico, quer metafórico, ou seja poético. A língua como material da simples complexidade livre a que se chama poesia.

## ABSTRACT

In a letter to João Condé, published by *Jornal de Letras e Artes* on July 21st, 1946, João Guimarães Rosa wrote: "...but there is much more (to dream is so easy, João Condé, to do, that is the problem...): beyond the liquid and solid states, why not try to work de language as a gas ?!" My addres is an attempt to understand the meaning of working the language as a gas, both as a methafore and scientifically.

On the point of view of science two moments must be considered: the phisics of Guimarães Rosa won time and the present day theory of caos, namely the fractal nature of the brownian movements discribed by the *kinetic theory of gases*.

Methaforically the use of an interdisciplinary terminology allows us to consider the portuguese language as beeing of a fractal nature, scathered as it is, in various continents and used by different peoples and cultures, whose variants and ruptures can be discribed within the scope of what could be called a **Kinetic theory of language**.

### Referências bibliográficas

- ESCOBAR, Alberto e outros. **Política lingüística na América Latina**. Campinas: Pontes Editores, 1988.
- GONÇALVES, Perpétua. **Português de Moçambique: uma variante em formação**. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1996.
- GUIMARÃES, Vicente. **Joãozito: a infância de João Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.
- LORENZ, Gunter. Diálogo com a América Latina. In: COUTINHO, Eduardo (Org.). **Guimarães Rosa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- MANDELBROT, Benoît. **Los objetos fractales**. Barcelona: Tusquets, 1996.
- ROSA, Vilma Guimarães. **Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.